

1961 NOV. - DEZ. ANO V N.º 21

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.: 1 Comp e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

EDITOR Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES José Aica - António Soares

ADMINISTRADOR M. J. Paiva Lima REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Liceu Nacional da Horta

#### Escola do Magistério Primário

Nobre missão a do educador. Espinhosa missão e pesada tarefa a vergar-nos os ombros.

Alunos-mestres, quanto tendes pensado nas proposições acima descritas?

E' confrangedor verificar que muitos nunca pensaram nelas a não ser quando, nas aulas, ouvem as prelecções dos seus professores e, ainda para isso, era necessário que estivessem atentos.

Essa missão que abracastes, talvez num momento de revolta contra as adversidades da vida, é uma condenação à verdadeira personalidade humana. Essa missão é a capa com que cobris a cobardia de enfrentar o mundo e os reveses da sua existência.

Não, esses não. Não venham para o Magistério Primário.

Queremos educadores cônscios dos seus deveres e da finalidade da obra que vão realizar. Esses sim, que venham porque a Pátria os espera e reclama.

A seara é grande e os bons ceifeiros são poucos.

A obra é de todos os tempos; e os homens serão o que forem os seus educadores.

As almas infantis, desabrochando para a vida, pujantes de seiva como as plantas na Primavera, esperam a sua modelação. E se a Primavera traz flores, também traz abrolhos e há

as flores se multipliquem, prenhes de cor e de vitalidade. Belas flores são esperanças de bons frutos.

Devemos ser os forjadores dessas almas que, sedentas de um rumo, nos vêm parar às mãos e esperam a sua integral formação para atingirem o fim supremo para que foram criadas.

A tarefa é árdua, mesmo espinhosa, mas se a obra realizada for perfeita será incomparável para Deus, para a Pátria e para a Fami-

Não é um monumento que vamos levantar, não é uma cidade nem tão pouco um pais. Vamos construir o alicerce da humanidade, e

(Conclui na pág. 2)

## A Fé e a Ciência

### Origem da Terra e da Vida

pativeis, afirmam muitos. Como se pode verificar particularmente pelo estudo dos problemas de ori-gem e época da formação da Terra e do aparecimento dos seres vivos sobre ela, não só a Fé e a Ciência são harmonizáveis como também se completam.

As discussões que levaram à negação de compati-bilidade entre Fé e Ciên-cia derivaram em grande parte do aparecimento de desarmonias entre a interpretação dos Livros Biblicos (Génesis) e a Ciência, na parte referente à origem da Terra e à época da sua formação.

Até principios do século XIX, admitia-se, pela in-

Fé e Ciência são incom- terpretação Biblica, que a Terra tinha sido criada por Deus relativamente pouco tempo antes do aparecimento do homem (no minimo, 4.000 anos A. C.).

Mas, por volta de 1800, surgiram os pioneiros da Geologia, que se dedicaram ao estudo de restos animais e vegetais (Fósseis), existentes em diversas rochas. A presença desses restos levou-os a pensar que a Terra teria sofrido, depois de constituida, transformações profundas que se teriam gradualmente, realizado, durante épocas muito longas. Esta hipótese foi consolidada pela teoria evolucionista de Darwin, em meados do século XIX e, iá nos nossos dias, confirmada de modo irrefutável

(Conclui na pág. 9)

### Exortação aos novos

nha geração! Escutai o que vós — a verdadeira exis-vos digo: Descendentes de tência da Vida! vos digo: Descendentes de uma valorosa raça de heróis, de poetas, de guerrei-ros e de homens ilustres, tendes hoje a pesar-vos sobre os ombros o santo dever de contribuir com o vosso esforço para uma possivel e ampla felicidade que desabroche e floresça em todo o Universo.

Jovens! São para vós estas minhas palayras: pro-curai, no trato com a Natureza, viver uma Vida Sā que podar estes para que e Livre, retribuir aos ou-

Rapazes que sois da mi- tros o que procurais para

Procurai seguir estes conselhos que, da alma, convicto de que procede vossa geração, um vosso irmão.

Não basta para ser úteis viverdes em obstinado indiferentismo, como animal insociável, fechados em vós e só para vós; não basta para serdes úteis à sociedade e por consequência aos vossos semelhan-

(Conclui na pág. 9)

## Rádio Glube de Angra

No seu programa Rádio Gazeta do dia 5 de No-vembro, este RÁDIO-CLUbem, vos dá um moço da BE leu aos seus microfones o artigo «Celebridade», escrito para o «ARAUTO» pela setimanista Lidia Maria Goulart.

Gratos pela deferência, dirigimos também ao Rádio Clube os nossos agradecimentos pelas palavras amigas proferidas na ocasião do 5.º aniversário do nosso Jornal.

## NOVOS PROFESSORES

Eis chegado o primeiro dia de au as! Atrás da secretária com a alma transbordante de alegria e o coração emocionado, está o professor disposto a começar ou a recomeçar com entusiasmo a sua nobre tarefa de educador.

Tem nos lábios um sorriso paternal que vai distribuindo pelas crianças que, quase a medo, vão entrando umas após outras até povoarem toda a escola.

Já não falta ninguém.

E' então que se ergue o professor, sorrindopara consigo, e sentindo-se a mais feliz das criaturas, por poder dar instrução àquele bando de crianças que ele já começa a amar.

A todos fala com afecto, procurando criar um ambiente de à-vontade. Faz mil e uma perguntas discretas, ora a uns ora a outros; dá os seus conselhos. Todos o envolvem em olhares de curiosidade, e ele sente-se feliz. Dez de Outubro! O mestre já fez agrupamentos de classes e a subdivisão das mesmas, consoante o adiantamento dos alunos. Já colocou os alunos mais altos atrás e os mais baixos à frente, fazendo depois as trocas necessárias, para que fiquem à frente os que ouvem e vêem mal, os mais «madraços», etc.. Já tem um horário elaborado e afixado na sua escola, tendo em vista que uma boa distribuição das matérias pelo tempo é um valioso elemento de disciplina e de aproveitamento. Já assistiu a jogos e brincadeiras dos seus alunos e pensa já saber muito àcerca do temperamento de cada um. Já deu inicio à revisão dos conhecimentos adquiridos nos anos anteriores, e uma vez terminada essa revisão pensa já em dar início à execução dos programas respeitantes a cada classe. Sente-se satisfeito e em ses da geração futura. paz com a sua consciência, porque dentro da sua esco- candidataram ao professola ele trabalha, ele aconse- rado, que indevidamente (Finalista da E.M.P. da Horta)

Iha, ele é um exemplo das as complicações para mais mais nobres virtudes, ele é um portador de optimismo e confiança enfim, ele pensa possuir todas as qualidades indispensáveis a um bom mestre.

E sorri porque tudo lhe está a correr pelo melhor, sem pensar que a principio tudo é belo, reservando-se rentes desculpas.

tarde.

Mas os dias correm e chegam os grandes labores. Chegam os dias tempestuosos. Surgem múltiplas ra-zões imprevistas e os alunos faltam.

O aproveitamento recua. Ouvem-se as mais incoe-

#### Escola do Magistério Primário

# Oue venham bons Educadores

Conclusão da pág. 1 essa humanidade será tão integra quanto melhor estiver alicerçada.

Não basta ser instrutores, urge também que sejamos educadores e estes primeiro do que aqueles.

Primordialmente a educação e, depois, a completá-la, a instrução. Uma e outra realizam a verdadeira modelação das almas infantis que anseiam pela nossa colaboração amiga e desinteressada.

Ser professor é ter vocação para educar e instruir. Ser professor é dar-se totalmente às crianças que lhe forem confiadas, numa doação despida de quais-quer preconceitos e artificialismos. Ser professor é amar a criação e ser colaborador directo de Deus na formação de almas sãs em corpos sãos. Ser professor é uma indirecta paternidade na formação completa do individuo. Ser professor é ser exemplo para os seus educandos, é ser um homem dum só rosto e duma só fé, na escola ou na rua. Ser professor é ser a jovialidade e a alegria personificadas junto dos seus alunos. Ser professor, enfim, é ser o obreiro, desinteressado, das mais sólidas ba-

Os outros, esses que se

pretendem usar o nome de educadores só para possuirem um diploma mais ou menos classificado que lhes garanta o pão quotidiano, esses que não venham.

Há falta de professores, mas de verdadeiros Mestres. Faltam aqueles que sejam educadores e instrutores por vocação, amor, e que abracem o seu magistério como um verdadeiro sacerdócio.

Os que desaprovam a nobilitante missão de Mestre, os que a ridicularizam, os indiferentes, esses que fiquem em casa, que nem sequer apareçam.

A obra é grande, por isso o alicerce tem de ser sólido. Edificar monumentos com pedestal de areia, será ver ruir a construção.

Que venham muitos, mas excelentes educadores, porque a messe é grande.

Os que procuram o professorado, repito, par a lhes garantir uma vida em que se trabalha cinco horas diárias, com três meses de férias anualmente, esses, os fracos da vida e do trabalho, não apareçam porque não são necessários. Se o fizerem será conspurcar a mais nobre missão do homem, que é educar.

Que venham Bons Educadores...

Norberto Trigueiro

A indisciplina espalha-se: o professor perde a serenidade e ai vão castigos sobre castigos e multas. E os pais de muitos alunos, que nunca se haviam interessado pelo comportamento dos filhos, vêm à escola esbaforidos, travar-se de razões com o professor, e entre este e a familia esboça-se um mal-estar.

Depois são os falatórios. O mestre, taciturno e desiludido, pensa agora que para se ser professor é preciso ter mil sacos de paciência.

 Nem mil sacos de paciência! O que é preciso é uma grande dose de bom senso, diz-nos a Pedago-

Será que este professor seja insensato? Não! Ele dá-se aos seus alunos, sabe conduzir-se como deve na sua escola, mas o que ele não pensa é que a educação não é obra em que trabalhe um só operário, o professor, mas sim obra em que trabalham vários operários, e, para que essa obra surja bela e prospere, é preciso que todos trabalhem em harmonia, não destruindo uns o que os outros constroem.

Quer dizer: o que este professor porventura não teve em vista foi que é absolutamente indispensável haver uma mútua compreensão e colaboração entre a familia e a escola. E' no seio das duas, que a criança sofre as maiores influências, além da catequese, da convivência da rua, das brincadeiras.

Mas, se as familias não procuraram este professor, que poderia ele ter feito para manter um contacto discreto com elas?

Para iniciar poderia, por exemplo, enviar aos pais cartões com o aproveitamento dos filhos; poderia ter organizado exposições de trabalhos dos alunos, ou qualquer espécie de festa escolar em que tivessem comparticipação especial as familias, e neste género,

Conclui na pág. 7

#### A Poesia Trovadoresca e a Sociedade Coeva

história, desde as mais remotas até aos nossos dias, houve sempre uma tendência de certos espiritos para darem aos outros um pouco daquilo que lhes ia na alma, exprimindo-se frequentemente por versos que constituiam a distracção das pessoas que os apreciavam. Na Idade Média, época em que a vida era um pouco monótona e categoria. O trovador era o até por vezes fastidiosa, era nos versos que encontravam uma vida melhor, deixando-se levar pela poesia que eles continham. A vida parecia, naquela altura, diferente, colorida.

Esta vida assim triste era interrompida por algumas festas que se davam nos castelos feudais. Então, convidavam-se trovadores para virem deleitar as damas e os senhores com os seus belos versos, com as suas canções denominadas «canções de gesta». Estas festas eram como uma luz nesta vida obscura. Depois a cidade envolvia-se outra vez nas trevas que a cercavam.

Nesta época existiam uns homens que, sendo obrigados pelas circunstâncias da vida, iam pelos castelos cantar os versos de ontrém. Não cantavam como os trovadores, os artistas que cantavam só pelo prazer, pelo amor à arte. Não! Estes tinham de ganhar a vida e por vezes procuravam-no nos versos, que iam cantar a casa dos senhores feudais. Assim ganhavam um pouco para poderem enfrentar a vida. Acompanhavam-nos um outro, que era uma espécie de criado que se chamava segrel. O patrão, o jogral, recebia o dinheiro, que depois era dividido por ambos. Os versos que eles entoavam não eram feitos por eles, como já disse, porque os que eles compunham não passavam de pequenos versos sem importância. Eram ambulan-

Em todas as épocas da tes, fazendo lembrar o nómada que anda sempre com a casa às costas de um lado para o outro.

Por fim surgiam uns que, também cantando para ganhar a vida, faziam-no de um modo diferente. Eram sedentários, isto é traba-Ihavam só numa determinada casa.

Como se vê, só o trovador é que tinha uma certa centro, em volta dele giravam todos os outros.

Muitas vezes, os reis como D. Dinis e D. Afonso X eram trovadores apaixonados, que nos seus versos exprimiam o mais alto grau dos seus pensamentos.

Como saberiamos o que os nossos antepassados pensavam e como viviam, se não fosse o que ficou escrito em documentos, muitos deles em verso ?!... Muitas coisas nós sabemos através dos versos que vincam bem o estado de espirito ou a vida daquela ver Podemos época. por exemplo o seu re-flexo, nas cantigas de amigo. O sentimento predominante é a saudade. O poeta põe na boca da dama as palavras de saudade e de tristeza pela ausência do noivo ou do amigo que, por vezes, está fora do país combatendo os mouros.

Há uma variedade conforme a fonte em que o autor se inspira.

Por exemplo se o autor se inspira no mar a cantiga toma, então, o nome de barcarola ou marinha; se recorre a uma pastora de-paramos com a pastorela. Assim vemos que a cantiga toma um nome conforme as circunstâncias, ou melhor, a fonte em que o poeta se inspirou.

Estes versos são para nós uma reliquia dos nossos antepassados, que deveremos ler com muito gosto e carinho.

Conclui na pág. 7

### A família GARRETT na ilha do Faial

século XIX.

Foi ele o introdutor do Romantismo em Portugal com os poemas «Camões» e «D. Branca».

Além de ter sido ele o iniciador da Escola Romântica, renovou também o teatro português, continuando a obra de Gil Vicente. E' por isso que Almeida Garrett nos aparece sempre que se fala de dramaturgos com a sua notável obra tão conhecida e apreciada- Frei Luis de Sousa».

O autor de .Flores sem Fruto» não foi só um escritor. Foi também um politico que acompanhou D. Pedro IV a quando do desembarque no Mindelo, e tomou parte nas lutas civis bispo D. Alexandre. que se seguiram.

O verdadeiro nome do nosso escritor é João Bap-tista da Silva Leitão de Almeida Garrett, que nasceu no Porto em 1799, mas cuja familia era faialense e é dela que vou falar a se-

No fim do século XVII aparece-nos estabelecido como mercador na Horta José Ferreira da Silva, que viera de Lisboa. Na mesma cidade, mas por motivos que desconhecemos, encontravam-se também D. Antónia Margarida Garrett servi para escrever este pecom um seu irmão, vindos de Madrid, onde tinham nascido.

Mais tarde José Ferreira e António Garrett casaram--se e tiveram os seguintes filhos: Alexandre, Manuel, Inácio, Bernardo, Ana Rosa, Josefa, António e António Bernardo da Silva Garrett, pai do Visconde Almeida Garrett.

Esta grande familia nasceu toda na Matriz da então Vila da Horta e vivia no actual Largo do Bispo D. Alexandre, nome derivado do filho mais velho. Este foi bispo de Malaca, de Timor e por fim de Angra. Foi ele o educador de

Garret foi um dos nos- seu sobrinho Almeida Garsos melhores escritores do rett. Foi também ele que fez com que a Horta passasse de vila para cidade.

José Ferreira morreu muito cedo e a viúva D. Antónia Garrett teve sérias dificuldades para educar os seus filhos.

Manuel foi arcediago da Sé de Angra e Inácio foi cónego também da Sé de Angra.

António Bernardo Garret foi para o Porto onde casou com D. Ana Augus-ta de Almeida Leitão. Deste casamento, entre vários filhos, nasceu a raiz do Romantismo em Portugal --- Almeida Garrett.

A familia de António Garrett foi grandemente ajudada, tanto cultural como financeiramente, pelo

No tempo da 2,ª invasão francesa esta familia voltou novamente aos Açores tendo morrido o pai e a mãe de Garrett na ilha Terceira.

E como Almeida Garrett é sobejamente conhecido por todos os leitores, desnecessário se torna acrescentar algumas palavras acerca dele e da sua grande obra, atendendo a que este meu insignificante trabalho se refere, especialmente, à familia do insigne escri-

Os elementos de que me queno artigo foram colhidos do Boletim do Núcleo Cultural da Horta», do trabalho «A Familia Garrett na ilha do Faial, da autoria do Rev. Padre Júlio da Rosa.

L. M.

# Do Nosso Centro

Excursão pedagógica à ilha de São Miguel

O nosso Centro está projectando uma excursão pedagógica à ilha de S. Miguel, o que se realizará nas Férias da Páscoa.

# Excursão de estudo às ilhas das Flores e Corvo

«Carvalho Araújo» começou pouco a pouco a deslocar do molhe da doca.

Portuguesa eram protagonistas de mais um empreendimento do nosso Centro - uma visita pedagógica às Ilhas do grupo ocidental: Flores e Corvo.

O mar parecia uma superficie totalmente plana. Só se ouvia aquele borbulhar que o navio fazia no seu ameno deslize. A noite estava tão serena, que não se percebia a ntais le- valho, fundeava aproximave brisa. A lua ao despontar um pouco sobre a parte Norte do Pico, com um colorido rubro, dava-nos um magnifico panorama, e nós todos ficámos embevecidos perante tal quadro da Natureza.

A' medida que o paquete fazia o seu rumo, o Faial ia-se evaporando nos seus contornos, a ponto de ficarmos sós num oceano, onde, para qualquer ponto que olhássemos, tudo era infinito.

Como não possuiamos acomodações, devido ao enorme número de passageiros que connosco viajavam, tratámos de obter o melhor meio para passar o tempo. E assim fomos para o salão onde passámos uma boa hora.

Como o barulho desta hora em diante era proibido, voltámos novamente ao convés. Deitámo-nos nas cadeiras, mas era impossivel dormir.

E assim se passou o tempo, até às 5 horas da madrugada. Desta altura em diante tivemos que sair do

gresso descemos à sala de rão. baile. Aqui encontrámos

ca correria para o convés, aproximada das nove ilhas

O Corvo, embora estidistância a que se encontrava ainda de nós, já mostrava os seus contornos no o cajado e o blusão. formato de um biscoito que, ao cozer, crescera muito na altura. O tempo aqui já não se assemelhava ao da nossa saida: apresentava um aspecto chuvoso, o mar ondulava já um pouco e corria uma brisa gélida.

A's 7,30 horas, o Cardamente à distância duma milha do Corvo. Pelas 8 horas nós tomávamos a lancha de transporte de passageiros para terra. Foi então que uma copiosa e teimosa chuva fez com que alguns dos nossos companheiros, ao desembarcarem, voltassem para bordo na mesma lancha. Como eu, o Arruda e outros colegas tivéssemos interesse em visitar o Corvo, abrigámo--nos num armazém, esperando que a chuva abrandasse. Em virtude da atde não estar pelos nossos ajustes, resolvemos visitar a vila a «toque de chuva».

Esta com as casas todas ligadas, as ruas muito apertadas, tendo por piso pedra calcetada bastante tosca, dava-nos a impressão culo. Este, decorridos uns de estarmos numa povoação antiga. Visitámos a Igreja, onde notámos uma singeleza agradável. Os seus adornos do Altar Mor destacavam-se num estilo, que nos sugere o barroco.

Como o barco deveria sair às 10,30 horas, não convés, durante a baldea- nos foi possível deslocarmo-nos ao ponto de major Fomo-nos lavar e no re- beleza da Ilha - o Caldei-

Segundo referências daparte dos nossos colegas das pelo povo Corvino, de- tênticos magotes, o sadio e ainda a dormir, sobre as veriamos levar aproximada- leve fresco que corria, pudiversas cadeiras. Demo- mente duas horas em pas- nham-nos perplexos num ta, foi o panorama que -lhes o toque de alvorada, so regulamentar, na ida e mundo novo. Depois de maior admiração e atenção

Ao anoitecer de um dos -mos que já se avistava o goa, onde se encontram no- prosseguir no nosso pas-últimos dias de Julho, o Corvo, abalaram numa lou- ve penedos, na disposição seio. E assim, percorridos a boné azul, de fabrico local,

damente.

A's 13,30 horas o barco ancorava na baia do porto de St.a Cruz das Flores.

Agora podiamos distinguir uma vista parcial da Ilha: totalmente revestida de um vicoso colorido verde, adornada pelas pétalas azuis das hortênsias, era uma autêntica magia. O seu relevo, num conjunto harmonioso de vales, dava-nos uma inquietante vontade de desembarcarmos quanto antes para contactarmos pormenorizadamente com aquele «mundo desconhecido».

Desembarcámos, enfim. Fomos visitar a Igreja Matriz de St.ª Cruz que basmosfera mostrar indicios tante nos agradou no seu conjunto arquitectónico. Depois de umas breves visitas aos arredores da Vila de St.ª Cruz, tomávamos a camioneta.

Agora viajávamos num elegante e confortável veidois quilómetros fazia rumo à estrada do mato.

A primeira vista que apreciámos foi o vale da Fazenda de St.ª Cruz, duma cativante beleza, que as nossas máquinas fotográficas não se cansaram de focar. Aqui e além delineavam-se rochas totalmente estranhas à natureza da paisagem, que ainda mais realçavam o panorama. As hortênsias floridas em au-Alguns ficaram muito abor- volta ao Caldeirão. Este uns 20 minutos de autênti-recidos, mas ao noticiar- apresenta-se como uma la- co êxtase, tivemos que

pé uns 100 metros, parávados Açores, dentro do seu mos para apreciar uma novesse envolvido num es- Oceano Atlântico. Uma ca- va vista - o Vale da Ri-Os filiados da Mocidade pesso nevoeiro, devido à racteristica interessante des- beira da Cruz, que se desta Ilha, é o trajo corvino: fruta do outro lado da estrada.

Este vale, densamente A' hora estabelecida, o revestido de um verde tão «Carvalho» tomava nova- viçoso, elevava-nos o espimente rumo à Ilha das Flo- rito a ponto de ficarmos res. Esta, ao sairmos do maravilhados. Não há pa-Corvo, já se avistava niti- lavras para poder descrever com exactidão o nesso deslumbramento. Na parte superior deste vale, encontram-se umas fendas vulcânicas, que as pessoas mais velhas da Ilha sempre conheceram, tal como estão. Numa delas, se deitarmos uma pedra, não se sente o minino ruido. Isto pode-nos dar uma ideia aproximada do que seja a profundidade dessa fenda.

Depois do tempo indispensável, para um pouco por menorizadamente vermos este vale, pusemo-nos novamente a caminho. A estrada, sempre ladeada de hortênsias e verdejantes arbustos, oferece-nos de momento a momento novas distracções. Só nos apeamos novamente para ver a lagoa da Lomba. Esta, de origem sedimentar, a única da llha formada por sedimentos, com parte das suas águas limpidas, ladeada por cabeços de pastagens, todos eles engalanados por inúmeros bordos de hortênsias, conetitui um ponto turistico convidativo à contemplação.

Mais uma vez, saltavamos para a camioneta, para prosseguir o nosso passeio. Ao percorrermos uma certa distância, que levou aproximadamente 10 minutos, apeavamo-nos e subiamos um pequeno cabeço. No cimo deste avistámos as lagoas Comprida e Negra, que eram separadas por uma faixa de terreno. Por unanimidade da «mal-

Conclui na pág. 7

novos brindes

Francisco J. Campos, L.da

Apresentam a última novidade na Horta CAMISAS TRICOT NYLON

TV

Agentes - Oficiais da

PHILIPS PORTUGUESA, S. A. R. L.

MODAS

CALÇADO LANIFÍCIOS CAMISARIA

**ALGODÕES** 

Largo da Matriz, 3 e 4

Alimento ideal para o estudante

Combate o cansaço

Aumenta a capacidade de

Fornece energia para todo o dia

As entregas dos brindes fazem-se nos escritórios de

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda. Milo

Nestlé

à sua escolha

Apenas

com 2 rótulos pequenos

ou 1 grande de Milo Nestlé e

No valor de cerca de

Esc. 12\$50 . . . 1 almoçadeira 20\$00

Esc. 30\$60 1 estojo de desenho 50\$00

Esc. 40\$00 . . 1 honeca regional 60\$00

Esc. 50\$00 . . 1 bola de futebol 70\$00

À venda em todos os estabelecimentos

Agentes Distritais

António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.

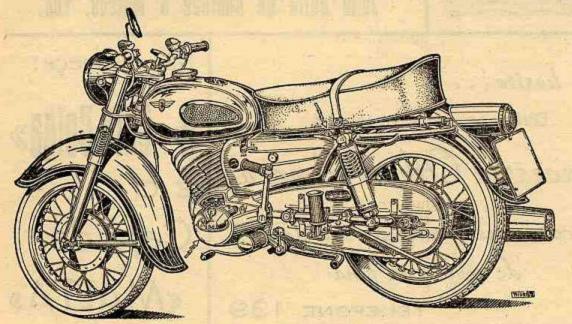
### ZUNDAPP)

Já chegou a 5.º remessa de bicicletas motorizadas

ZÜNDAPP-FALCONETTE Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudanças de pé, arranque por pedal (Kickstarter) pneus super-balão 21x2.75, assento corrido, porta-bagagem cromado





e brevemente:

motociclos

# Zündapp

Trophy-S 175 e Trophy-S 250 de 175 e 250 cm3

com arranque eléctrico!

Karl-Heinz Grötzner

TEL. 353



Defenda-se dos rigores do Inverno

Viajando nos confortáveis automóveis do

GARAGEM DUTRA FARIA

#### Na Livraria de "O Telégrafo"

V. Ex.º encontrará todos os artigos Liceais de óptima qualidade e por baixo preço

Também encontrará uma grande colecção de Postais e Carteiras de Boas Festas

Nas oficinas executam-se com a maior rapidez quaisquer impressões para a presente quadra

JÁ ABRIU

a

MERCEARIA FAVORITA

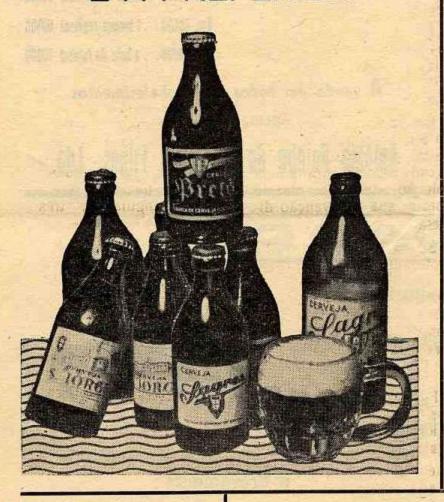
DE

António Rodrigues Prazeres

Faça as suas compras nesta casa e pode ter a certeza de comprar melhor e mais barato.

## A Cerveja Sagres

É A PREFERIDA



Na Secção de Papelaria da Firma

#### MANUEL ALXANDSE DA SILVA (Herdeiros)

Rua Walter Bensaúde, 10

Encontrará todo o material da especialidade, bem como louças finas, brinquedos, etc.

# Robbialac

TINTAS para todos os fins e aplicações

Agentes distribuidores no Distrito

Júlio Dutra de Andrade & Macedo, Lda.

Telefone 213

OPEL de aluguer

DE V. EX.AS

Não hesite ...

Dirija os seus passos à

Mercearia Othon Amaral

com o mais completo sortido de mercearia fina

TELEFONE 139

Não esqueça:

Café Volga» É O Café da «MALTA»

66 PIPOCA 99



### Excursão de estudo às ilhas das Flores e Corvo

(Conclusão da pág. 4)

despertou. Não muito extensas no comprimento, são duma beleza inesquecivel. Aqui, o sr. Dr. Lucas deu-nos uma breve explicação sobre a origem das lagoas da Ilha e a estrutura do solo das Flores, o que bastante apreciámos pois assim aumentámos os nossos conhecimentos.

Mas como não podiamos ficar eternamente a contemplar o admirável cenário das lagoas, descemos o para a camioneta, e pará-mos na Rocha da Fajāzinha. Admirámos esta nova maravilha e seguimos. Passados poucos minutos, a chuva batia torrencialmente nos vidros da camioneta.

Ao aproximarmo-nos duma curva, a camioneta afrouxava, para apreciarmos a Rocha dos Bordões. Esta, devido à chuva e ao nevoeiro, bem pouco nos mostrou as suas silhuetas. Num curto espaço em que a atmosfera clareou um pouco, pudemos apreciar a sua altitude e os seus filões perpendiculares, cris-talizados no sistema hexagonal e cúbico. Como não podiamos sair da camioneta, a demora foi relativamente curta, e assim mais uma vez prosseguiamos. Galgados alguns quilómetros, passavamos pelo vale das Lajes das Flores. Este, rodeado por uma alta cadeia de montanhas; à nossa esquerda distinguiamos a «Cancela das Lajes»; atrás, o monte da «Boca da Baleia», do nosso lado direito a rocha dos «Frades»;

tudo isto engalanado por inumerosissimos bardos de hortênsias e verdejantes arbustos. Mas, como aqui também não parámos, vol-vidos poucos minutos paravamos na vila das Lajes das Flores. Esta, não tanto elegante como a de St.ª Cruz, mostrava-nos contudo da parte dos seus habitantes um aspecto muito acolhedor e confraternizador.

Como a demora se restringisse ao meu desembarque e ao do António Mapequeno monte e saltámos nuel, a camioneta partiu às 16,30 horas com rumo a St.a Cruz. Ao passarmos pela Fazenda, a camioneta parouafim de a «malta» poder apreciar a Igreja e o elegante largo «Dr. Freitas Pimentel». Pela última vez a camioneta prosseguia. Passámos a freguesia da Lomba, depois a da Caveira e finalmente chegámos a St.ª Cruz. Aqui apearam-se pela última vez e dirigiram--se para bordo do · Carvalho. A's 19 horas o barco partia de St.ª Cruz. A' 1 hora da manhã depois da indispensável demora nas Lajes, fazia o seu rumo directo à Horta, e às 12 horas ancorava na nossa baia.

> Ao levar-se a efeito mais um empreendimento do nosso Centro, os filiados não podem deixar despercebida a boa companhia dispensada pelo Adjunto do Centro, Sr. Dr. Tomás da Rosa e Sr. Dr. Lucas, que dirigiam a excursão e pelos outros srs. Professores, que também nos acompanharam, proporcionando--nos um meio agradável de educação.

Manuel Avelino

# NOUOS PROFESSORES

Conclusão da pág. 2

tudo o que o mestre achasse necessário e oportuno.

Seria nessas festas que os pais das crianças, tanto ou ainda mais alegres que estas, compreensivos como nunca, se abeirariam amigàvelmente do professor, para lhe dizer tanta, tanta coisa àcerca dos seus filhos. E que magnifica oportunidade surgiria então, para o mestre expôr os problemas respeitantes a cada aluno, solucionando-se amigàvelmente, e completar ainda os seus juizos àcerca de todos!

E quanto à frequência irregular, que poderia ter feito o professor? Se não tudo, quase tudo pelo menos.

Em primeiro lugar deveria ter averiguado a causa de tal procedimento, e para cada caso procuraria uma solução adequada, mesmo com a sua intervenção di-

Só assim, é que este professor teria razão para se sentir em paz com a sua consciência e ver progredir o seu ensino, em correspondência com o esforço dispendido.

Futuros professores, não nos limitemos a trabalhar unicamente dentro das quatro paredes da escola.

Sejamos exemplares, cumprindo pelo melhor tudo o que se exige de um bom professor, sem nos esquecermos que devemos ser os elementos de ligação entre a familia e a escola. Sem essa harmoniosa ligação não veremos fruto do nosso trabalho pórque não seremos compreendidos nem compreender. saberemos Não nos furtemos nunca a apaziguar desavenças. Não neguemos um conselho, ou um a orientação nem contacpensemos que tar discretamente com os pais dos alunos é humilhar-

-nos. Estendamos a nossa acção a todo o meio local. Assim, seremos compreendido, na nossa elevada missão.

Maria da Conceição Nunes 2.º ano da Escola do Magistério

#### A POESIA TROVADORESCA

Conclusão da pág. 3

Na sociedade desta época havia uma grande diferença entre uns e outros, comecando mesmo pelos nobres até aos mais humildes. Não eram todos

iguais.

O homem na terra torna-se ambicioso -- quanto mais tem mais quer. A nobreza era o retrato das pessoas mais elevadas. Os nobres eram os senhores absolutos sobre tudo e todos. Sabiam conjugar muito bem o verbo «querer». Nesta classe distinguiam-se três espécies: os ricos homens, infanções e cavaleiros. Estavam por ordem decrescente das suas posses.

A par desta sociedade rica e poderosa aparecia outra que, embora vergada pelo trabalho, muitas vezes se devia dar por feliz: era a dos servos. A palavra servo já indica tudo e signifa: <trabalhar, trabalhar sem fim para os senhores». Estavam presos à terra, parecendo plantas que, nem mesmo à maior tempestade, saem do lugar onde são plantadas.

Ser servo em casa dos grandes senhores era para eles uma honra, assim como era uma honra para os trovadores cantar o seu amor à esposa de um grande senhor feudal, que de maneira nenhuma lhes podia responder, mas em que eles punham todo o seu amor, como podemos ver neste verso:

«Se eu podesse desamar...»

Estela Maria N. Neves 6.º Ano

#### -- ATLETISMO --

Por iniciativa da Mocidade Portuguesa, disputaram-se, nas pistas do Estádio do Fayal Sport Club, as provas de atletismo, correspondentes ao Campeonato.

Os resultados duma maneira geral foram agradá-

80 metros

1.º-H. Furtado (2.º Ciclo)-9,8s

2.º-Luis Oliveira (Mag.) -9,9s

3.º-M. Lourenço (3.º

Ciclo)-10,9s

Prova interessante de seguir pela luta travada entre Luis Oliveira e Honorato. Este saiu mal, ao contrário de L. Oliveira que comandou a prova até aos 50m. Nesta altura Honorato ultrapassou-o e ganhou bem. Os tempos dos dois primeiros podem-se considerar bons.

M. Lourenço esteve abaixo das suas possibilidades.

#### 300 metros

1.º-A. Gomes (Mag.)-44s 4/10

2.º-J. Alvaro (3.º Ciclo)

-44s 5/10

3.º-A. Manuel (2.º Ci-

clo)-44s 6/10

Ésta prova só teve interesse pela luta travada nos últimos 100 metros, mas os tempos foram fracos. A. Manuel comandou a prova até aos 200m, altura em que foi ultrapassado por A. Gomes que actuou muito bem na última parte da prova. J. Alvaro que também havia ultrapassado A. Manuel abrandou a 50 metros da meta, o que lhe custou o primeiro lugar.

800 metros

1.º-M. Amaral (3.º Ciclo) - 2m 26s 8/10

2.º-J. Humberto (2.º Ci-

clo) — 2m 29s 3.º—Renato (2.º Ciclo) —

2m 30s

Esta foi, quanto a nós, a pior prova do Torneio.

Os atletas começaram num andamento muito lento, pelo que passaram os 400m em 75s, já com M. Amaral, que viria a ser o vencedor, no comando. J. Humberto desiludiu.

1000 metros

1.º-Aurélio (2.º Ciclo) -3m 13s 6/10

2.°—M. Nunes (3.° Ci-clo)—3m 16s 6/10 3.°—A. Fernando (Mag.)

3m 36s

Com a ausência de M. Amaral e J. Humberto, que eram os grandes favoritos, Aurélio venceu bem, e o seu tempo fica a ser o 4.º melhor do Liceu.

M. Nunes que poderia discutir o primeiro lugar, deixou-se atrasar, para depois recuperar, mas já tarde demais.

 $4 \times 80$ 

1.°-3.° Ciclo (J. Neves, H. Amaral, C. Garcia e Lourenço) -41s 2/10

2.º - Magistério (Marcos, Neves, J. Joaquim è Serpa) -43s 1/10

Com a ausência do 2.º Ciclo, o quarteto do 3.º Ciclo venceu, num tempo que fica a ser o 2.º faialense da presente temporada.

#### $4 \times 1000$

Vitória natural do 3.º Ciclo, que era a equipa que tinha melhores corredores de 1000 metros.

Triplo

1.º- Luis Oliveira (Mag.)

2.º-C. Garcia (3.º Ciclo)-10,88

3.º-Candeias (Mag.)-

Magnifica prova, com resultados-muito apreciáveis para o nosso meio escolar e mesmo para o atletismo faialense.

L. Oliveira, venceu da melhor maneira, e estabeleceu um novo «record». C. Garcia esteve também muito regular. J. Candeias foi o que mais surpreendeu.

Altura
1.°-M. Nunes (3.° Ci-

clo) - 1,51 m

2.º-João A'Ivaro (3.º Ciclo)-1,40m, Luis Oliveira (Mag.) - 1,40m

3.º-Mário Goulart (2.º

Ciclo)—1,40m

Magnifica vitória Mendonça Nunes, que estabeleceu novo «record». Quando mudar de estilo, poderá talvez saltar 1,60m ou mais.

A'Ivaro esteve bem até 1,40. No entanto julgamos que poderia ir mais além se a sua corrida de balan-

Comprimento

co fosse maior.

1.º-L. Oliveira (Mag.)-5,19m

2.º-A. Gones (Mag.)-4,84m

3.º J. Neves (3. Ciclo) -

4,80m

Luis Oliveira venceu com uma marca interressante, no entanto ainda pode fazer melhor.

A. Gomes mostrou estar mal preparado, e Jaime Neves esteve dentro do seu normal.

Peso

1.º-M. Garcia (2.º Ciclo)-11,59m

1.º-M. Alberto (3.º Ci-

clo) - 10,40

3.°-J. A'Ivaro (3.º Ci-

clo)-10,04

M. Garcia estabeceu novo «record», ao lançar a esfera de ferro a 11,59.

Dos restantes somente J. Alvaro e M. Alberto se evidenciaram.

Disco

1.º-M. Garcia (2.º Ci- Selecção 5 clo) - 28,70m

2.º-A. Gomes (Mag.)-26,64

3.º-S. Machado (2.º Ci-

clo)-20Uma vez mais, M. Garcia bateu um «record», desta

vez o do Disco, com marca de 28,70, o que muito bom.

A. Gomes também esteve muito bem. Qualquer destes atletas pode melhorar a sua marca.

Dardo

1.º-A. Gomes (Mag.)-37,58m

2.º-C. Garcia (3.º Ciclo) - 36,90

3.º-M. Alberto (3.º Ciclo) - 30,80

Magnifico conjunto de resultados em que os quatro primeiros lançaram mais de 30m.

A. Gomes foi um bom vencedor, mas quem mais surpreendeu foi C. Garcia ao alcançar 36,90.

M. Alberto e M. Rosa (30,70), também actuaram bem.

#### Comemorações

#### do 1.º de Dezembro

A M. P. do nosso Liceu comemorou condignamente o Dia da Restauração da Independência de Portu-

De manhā, às 8,30 horas, o sr. P.e Tomás Bettencourt celebrou missa na Igreja Matriz a que assistiram os dirigentes e filiados do Centro Escolar N.º 1.

Seguiu-se um desfile até ao Liceu em que se apresentaram três Castelos, sob o comando do C C. Manuel José Carrinho.

A' noite os filiados do nosso Centro assistiram a um espectáculo oferecido pelos Alunos da Escola do Magistério, num gesto di-gno de registo.

Em cumprimento do programa desportivo, disputaram-se jogos de três modalidades, verificando-se os seguintes resultados:

Basquetebol Selecção do Liceu 24

Misto Local 30 Andebol de sete Selecção 13-Misto 13

Futebol

C. P. das Angústias 4

#### Futebol de Salão

disputar-se o Está a campeonato desta modalidade, este ano com a participação de seis equipas. Nos jogos corresponden-

tes à 1.ª volta, verificaram--se os seguintes resultados: Magistério 6-3.° Ano Magistério 2-4.° Ano 7.° Ano 2-5.° Ano 6.° Ano 3-3.° Ano 2 7.° Ano 6.° Ano 7.° Ano 1-4.º Ano 1-5.° Ano 7-3.° Ano Magistério 4.º Ano 6.º Ano 2-4.º Ano 3 7.º Ano 1-6.º Ano 3-5.° Ano 8-3.° Ano 11-3.° Ano 2 6." Ano 5.º Ano 7.º Ano 7.º Ano 8-Magistério 1

A classificação está assim estabelecida:

5.º Ano

6.º Ano

4.º Ano 9 pontos; 6.º Ano 6 pontos; 7.º Ano 5 pontos.

2-4.º Ano

3-Magistério 4

# A fe e a Ciência

### Origem da Terra e da Vida

Conclusão da pág. 1

pela descoberta dos fenómenos de radioactividade. Os cálculos feitos a partir destes fenómenos determinaram, para as rochas mais antigas, idades compreendidas entre 2 e 5 mil milhões de anos.

Aparentemente, portanto, chegamos neste ponto a uma discordância entre a criação tal como nos é indicada no Génesis (\*... a Terra foi criada por Deus...»; ... ao sétimo dia Deus descansou...) e a origem da Terra segundo a Ciência. Ora tal discordáncia desaparece se fizermos coincidir os «dias» da criação com as épocas geológicas (periodos de muitos milhões de anos em que a Geologia divide o intervalo de tempo decorrido entre a formação da Terra e a actualidade).

Para explicar a formação do Globo, a Astronomia afirma que, como to-dos os astros, a Terra teve a sua origem em nuvens de gases e poeira cósmica, distribuidos ao acaso no espaço sideral. Essas nuvens, em virtude da gravitação, aglomerar-se-iam, segundo a explicação astronómica, formando grandes núcleos que adquiririam rápido movimento de rotação. Este, juntamente com as pressões e temperaturas elevadissimas e os fenómenos de radioactividade, provocaria a concentração mais duros. Assim se forclaro, estariam a temperaturas elevadíssimas e cintipoder-se-iam núcleos mais pequenos que assim se formariam os -Deus. planetas. de que é exemplo a Terra. O arrefecimen-

to desta, por irradiação de calor, provocaria a solidificação da sua parte externa e, assim, obteriamos a crusta. E a Ciência consegue dar a explicação dos fenómenos que se sucedem na crusta, isto é, uma vez que admita a existência das poeiras cósmicas e gases espalhados no espaço, demonstra um processo evolutivo dos fenómenos do nosso Globo. Mas não explica qual a origem dessas poeiras e gases. Ora, neste ponto, a Fé pode perfeitamente completar a deficiência cientifica, se admitirmos que a matéria a partir da qual se formou o nosso Globo, foi criada por um Ente que a Ciência não tem pretendido considerar, na sua aspiração dominante de tudo explicar por causas palpáveis, mas que é bem visivel nas Suas manifestações - Deus.

Outro aspecto podemos ainda considerar: o do aparecimento da vida sobre a Terra. Até hoje, não houve um único processo científico que nos demonstrasse que qualquer ser vivo não deriva, necessàriamente, de outro ser vivo preexistente. E', aliás, a própria Ciência que o confirma, ao dizer que «no estado actual do mundo fisico, não existe a geração es-pontânea. E' certo que a proposição considerada faz uma restrição, ao referir-se à possibilidade da existência de condições do meio das moléculas, com forma- diferentes noutras épocas ção de materiais cada vez geológicas, condições essas que permitiriam a gemariam as estrelas que, é ração espontânea. Mas não é menos certo que será muito dificil, senão imposlariam. Mas dessas estrelas sivel, para a Ciência, dedesprender monstrar, como origem da vida, outra causa que não ficariam a gravitar em tor- seja a da acção do Ser no do núcleo principal e omnipotente que tudo rege:

João A'Ivaro Correia da Cunha

### São assim os Estudantes

Conclusão da pág. 10

O L. acaba de nos dizer que os remédios comprados, na farmácia do lado, além de serem caros, não deram resultado. Lastimamos rapaz, mas o médico do «Arauto» já nos tinha dito: «Ele anda a tomar uma dose muito grande de medicamentos, oxalá não se prejudique».

#### Futebol

O nosso jornal não quer deixar passar este número sem elogiar a maneira como foi praticado o desafio de futebol-salão do dia 15 de Novembro. Como muitos sabem o jogo foi mui-to amigável, apenas durou pouco tempo e houve alguns encontros pessoais. Ao que parece, as equipas do 3.º e do 6.º Ano não se podem encontrar muitas vezes, visto usarem de um excesso de amabilidade.

#### Em maré de Asneiras

Na aula do 4.º Ano um aluno chega bastante atrasado. O professor repreen-de-o e sugere aos presentes a compra de um despertador visto os haver muito baratos e a presta-

O L. G., incorrigivel como é, diz então: - Eu tenho um despertador que nunca falha mas custou-me um bocado caro, veja o sr. Dr. que as prestações são de 170\$00 mensais...

Professor - Deve ser de boa qualidade.

L. G. - E' a criada...

Nos primeiros dias de aulas os professores procu- (Do Joinal «Em Frente», Or-ram conhecer os alunos. gão da M. P. de Angola)

Na aula do 1.º Ano travou--se o seguinte diálogo:

Professor - Tu ai, don-

Aluno-De Castelo Bran-

Professor-Diz-me o nome de uma pessoa da tua familia!

Aluno - Minha avó ...

Já sabem aquela história de uma menina, que frequenta o 4.º Ano e resolveu alimentar-se exclusivamente com leite higieniza-do « M. & R.»? Pois ela disse-nos que tem gostado e não quer outro.

#### A Ultima

Apesar de já ser cresci-do, só agora sabemos que o sr. Clár .... saiu da casca... do ovo. Certamente, o engate já vem do Pico, mas nós é que não sabiamos. Mas tome nota já que está tão saído, sr. C.: a situação é perigosa, não te excedas.

#### Exortação gos novos

Conclusão da pág. 1

tes, adaptar-vos por marcos que desde há muito o progresso e a inteligência arrazaram, mas que o imbecil convencionalismo grotescamente tenta manter de pé, como se possivel fosse edificar e manter o que a leve aragem da lógica e da razão dispersa como monticulos de pó.

Irmãos meus: Abandonai essa deploiável tineta de vos guiardes por pensamentos alheios; já tendes cérebro, meus irmãos. Desenvolvei-o, pois, e pensai por ele.

Helder Amálio

# -- São assim os Estudantes --

Cinema nos Normais

SEMANA

JOE ICA E DUAS GIRLS

NO SENSACIONAL FILME

## CRUZ E A ESPADA

Documentário:

ELA VAI PARA O VALE

#### Tão B.B.

Ela está mesmo tão B.B., que nem os leitores fazem ideia. Agora, e para uma maior publicidade ela anda, por ai a treinar-se para telegrafista da Companhia Inglesa. E' preciso cautela porque, quando ela acabar o treino, já não existe companhia.

#### Ultima Hora

Ainda no último número dissemos que o J. do Magistério tinha resolvido dar a volta à ilha. Podemos agora informar que o passeio está concluido e ei-lo ximo Jornal. todo entusiasmado com o novo namorico. No entan- colhem o «Bau-Bau» e os to, ele que é um rapaz eco- rapazes a «Flauzina». nómico decidiu-se por uma vizinha, para não ter de andar muito.

#### Só de elevador

Do 6.º Ano-f os agentes da nossa «Policia de Espionagem > chegam-nos com a noticia de um novo roman-

Trata-se de um engate a alto-nivel (isto é a grande altura, pois ambos são bastante crescidos .. para a idade).

Vamos eleger o Rei dos BAU-BAU e a RAINHA das FLAUZINAS

O «ARAUTO» tomou a iniciativa de promover en-tre a Malta a eleição do «Mister Bau-Bau» e da
«Miss Flauzina» deste Liceu. Poderão votar todos os rapazes e raparigas assinantes do nosso Jornal. Os votos terão de ser entregues até 18 de Dezembro do corrente ano, para que possam sair os resultados da votação no pró-

Nota - As meninas es-

Sugestão — Para maior facilidade se indica que o 2.º Ciclo é mais fértil em «BAU-BAUS» e «FLAUZI-NAS ..

#### Ladeira mal calcetada

O sr. A. M., mais conhecido por Pic...to, fixou residência numa ladeira muito esquisita desta cidade. E' caso para dizer: coitadinho, está tão magro e ainda por cima o que tem de andar.

O R., mais conhecido por «Malcriado», continua com uma admirável persistência amorosa.

O que não sabemos é se realmente o negócio está a dar lucros ou se ele quer ser o «mascote» da equipa de Basquetebol.

Raposa

O P. L. anda por ai todo entusiasmado com uma menina que, segundo julgamos, não frequenta a nossa casa. O pior é se, por causa do tempo perdido, ele consegue mesmo apanhar uma raposa.

#### Novo rumo

Por se ter sujeitado a uma operação e, consequentemente, estar proibido pelo médico de fazer grandes esforços, o S .... desistiu de tentar atingir os 70 por hora.

Assim, mudou de rumo e ei-lo muito bem lançado com uma conterrânea. Se não se arrepender, a coisa

#### Este 7.º Ano

E' verdade! Este 7.º Ano é traquina e o «Index», um jornal respeitável, é a causa de muita coisa. O rapaz quis mudar o nome de «Index» para Indês e a coisa saiu-lhe mal. Essa questão de trocar os nomes é quase sempre má.

Mas este não é o único; há um outro que consegue, com toda a delicadeza, bater o recorde de entradas e saidas.

#### FONTE

O Jorge R. tem sido motivo de várias referências neste Jornal. Tencionávamos não nos metermos mais na vida dele; porém, somos forçados a dizer que ele, julgando já não ter sede, afastou-se da fonte (s). Mas, amigo, não é possivel viver eternamente

#### Palmeiras?

Quando os grandes temporais do Inverno mais se fazem sentir e parecem querer abalar com tudo, há dois «bichos» que perma-necem sempre firmes a (des) embelezar a paisa-gem da Praça do Infante: são as duas «Flauzinas» já bastante conhecidas do nosso público.

Na verdade, não há ven-

to que as leve.

- Quem é o «Pionese»? — A quem é atribuida a célebre frase: «Ou dizes que sim ou mato-te», proferida depois de várias «tampas»?

- Será verdade que o A. (6.º Ano) resolveu emi-grar para o Continente?

Regresso

O Raposa ausente já voltou ao convivio dos seus antigos colegas.

O «Arauto» não quis faltar à chegada do bom associado da Malta para colher algumas informações, após o seu desembarque.

Pouco antes da chegada do «Funchal», o mais moderno paquete português, um foguete atrevido avariou o gravador em que tencionávamos recolher muita coisa preciosa. Mas, paciência! Só podemos relatar uma coisa: a miúda esperava-o ardentemente e está muito satisfeita.

#### Sensação nos meios militares

Os paraquedistas portugueses, num emocionante manifesto, declararam o seu maior pesar, por não verem nas suas fileiras a tal paraquedista do 6.º Ano. E' claro que ela se desligou do futuro militar mas, é caso para os paraquedistas esperarem: ela confessou--nos que mantém a sua antiga vocação, embora as coisas não estejam a correr muito bem.

Conclui na pág. 9